

Considerações exegéticas e homiléticas sobre Mateus 17, 1-9

Klaus Homburg

Delimitação

A história da transfiguração de Jesus (Mt 17, 1-9), com suas paralelas em Marcos (9, 2-9) e Lucas (9, 28-36) é literariamente secundária. Mc 9, 1 tinha, originalmente, seqüência imediata em Mc 9, 11. Mt 16, 28 e Mt 17, 10 apresentam, igualmente, uma continuidade coerente: “Em verdade vos digo que alguns aqui se encontram que de maneira nenhuma passarão pela morte até que vejam vir o Filho do homem no seu reino” (16, 28). — “Mas os discípulos o interrogaram: Por que dizem, pois, os escribas ser necessário que Elias venha primeiro?” (17, 10). A história da transfiguração, portanto, pode ser facilmente desligada do seu contexto literário.

História da forma

Freqüentemente exegetas modernos são de opinião tratar-se propriamente de uma história de ressurreição que foi antedatada para a vida de Jesus. Indicações temporais exatas como “seis dias depois” (Mt 17, 1 par. Mc 9, 2) normalmente não aparecem nos evangelhos sinóticos, a não ser no contexto da história da paixão. Originalmente, portanto, esta indicação temporal teria sido: seis dias depois da crucificação ou da ressurreição. Desta maneira M. Dibelius e R. Bultmann classificaram a história da transfiguração como uma das “histórias de epifanias pós-pascas”. Também a ordem restritiva de não narrar a ninguém o acontecido, já aponta, efetivamente, para a época pós-pascal: “A ninguém conteis a visão, até que o Filho do homem ressuscite dentre os mortos” (Mt 17, 9. cf. Mc 9, 9).

História da redação

Aqui daremos, visando uma melhor compreensão, uma atenção maior ao contexto, o que não é o caso na determinação puramente histórico-formal. Nossa pergunta é: O que o evangelista quer expressar nesta passagem do seu evangelho com a história da transfiguração? Perguntamos, portanto, pelo testemunho do evangelista

e não pela historicidade do processo, que com este questionamento se reduz a um problema secundário. O contexto precedente apresenta, em cada um dos três primeiros evangelhos, a confissão de Pedro e a primeira predição da paixão (Mt 16, 13-23 parr.); seguindo-se ditos sobre o sofrimento dos discípulos que seguem a Jesus (Mt 16, 24-26 parr.) e, finalmente, uma palavra sobre a parusia do Filho do homem (Mt 16, 27-28 parr.). Como é relacionada a história da transfiguração de Jesus com este contexto? A que se refere a indicação temporal “seis dias depois” que se encontra no começo de nossa perícopes?

Marcos

Marcos, segundo E. Klostermann (*Das Markusevangelium*, HNT 3, 4. Aufl., 1950), relaciona esta indicação temporal com a confissão de Pedro. “Seis dias depois” significa, portanto, para Marcos: seis dias depois da confissão de Pedro. Conseqüentemente ele entende a transfiguração como ratificação divina da confissão de Pedro através da voz celestial: “Este é o meu filho amado!”, que proclama Jesus como o Messias e que, indiscutivelmente, constitui o conteúdo central do texto (Klostermann, pág. 86).

Lucas

Lucas é o único dos três evangelistas sinóticos que reproduz o conteúdo da conversa de Jesus com Moisés e Elias: “Falavam de sua partida, que ele estava para cumprir em Jerusalém” (Lc 9, 31). Com isto ele dá uma ênfase maior à relação com a primeira predição da paixão e interpreta a transfiguração, primordialmente, como um fortalecimento para a paixão. A transfiguração significa, portanto, para Lucas “a corroboração divina da predição da paixão de Jesus” (H. Conzelmann, *Die Mitte der Zeit*, 2. Aufl., 1957, pág. 46). Com ela se inaugura o tempo em que Jesus está consciente de sua paixão (l. c.).

Mateus

Mas como é que Mateus relaciona nosso texto com o contexto? Dificilmente ele o relaciona com a confissão de Pedro, já que esta, em 16, 17, é expressamente caracterizada como revelação do Pai e prescinde, portanto, de outra legitimação divina. Mateus, pelo contrário, relaciona o texto antes com a pessoa de Pedro. Pois é significativo como em Mateus a pessoa de Pedro é colocada em primeiro plano (cf. a conversa que se segue à primeira predição da paixão: “Tem compaixão de ti, Senhor” — Arreda, satanás!” etc). O mesmo acontece em nossa perícopes. Pois somente Mateus alterou as palavras de Pedro em 17, 4. Somente ele faz com que Pedro fale no singular: “Eu farei aqui três tendas”. Este que quer fazer as tendas para conservar junto de si o Senhor na sua glória é o mesmo que em 16, 22s. gostaria de manter longe do Senhor o

sofrimento. Também Mateus, portanto, relaciona o texto com a paixão, mas de uma maneira indireta através da pessoa de Pedro. Ambas as vezes, as falsas sugestões de Pedro, que pretendem contornar a cruz, são corrigidas. Também em Mateus, portanto, a transfiguração significa um fortalecimento para a paixão, mas no sentido específico de uma instrução aos discípulos sobre a paixão.

Esta constatação é ratificada agora por outra observação: em Mateus, diferentemente de Marcos e Lucas, o grande medo dos discípulos origina-se única e imediatamente do ouvir a voz divina (v. 5s.). Este "A ele ouvi!" tem em Mateus, portanto, uma função instrutiva e crítica. Eles devem ouvir aquilo que Jesus lhes disse sobre o seu sofrimento e sobre o sofrimento daqueles que o seguem, e repreende-se o seu medo do sofrimento, que quer construir "tendas" na solidão distante do mundo e ali quer procurar refúgio. Dessa maneira podemos compreender porque esta palavra fez com que "caíssem de bruços, tomados de grande medo" (v. 6). O Messias é o Messias sofredor, e isto também tem conseqüências para os seus discípulos que devem segui-lo no seu caminho da paixão.

Por outro lado também é necessário que os discípulos, nesta situação, atentem para aquele "Não temais!", com o qual Jesus os reergue (v. 7). E é com esta mesma palavra que o ressurreto, que passou por sofrimento e morte, se dirige, pela primeira vez, às mulheres (Mt 28, 10). Dessa maneira Mateus nos leva a ver na transfiguração de Jesus, concomitantemente, um prelúdio da glória pascal que já agora brilha sobre todo o sofrimento deste mundo.

O testemunho de Mateus

Se o interesse de Marcos é autenticar a messianidade de Jesus e o de Lucas é enfatizar o fortalecimento de Jesus para a paixão, o interesse de Mateus está em acentuar o fortalecimento dos discípulos no sofrimento. A intenção de Mateus nós resumimos na seguinte oração: O Senhor, que está prestes a entrar na paixão, incute aos seus discípulos e à sua Igreja que subsistam também no sofrimento, pois a glória de Deus está sobre todos os seus sofrimentos (escopo).

Atualidade

Se a prédica quiser fazer justiça ao interesse específico de Mateus, ela deverá seguir a sua intenção de instrução dos discípulos, cuja atualidade está, sem mais nada, clara para nós. A palavra de Pedro do v. 4 nos possibilitará dizer algo sobre falsos motivos do servir, sobre individualismo religioso e sobre oportunismo eclesiástico, sobre o medo do sofrimento e sobre a fuga do mundo. Sempre de novo e sob formas diferentes estas posições surgem nas comunidades, e elas devem ser criticamente analisadas no decurso da prédica. Além disso: a situação dos discípulos

daquele tempo e de hoje corresponde à situação antes e depois da Páscoa, mas os sofrimentos neste tempo permaneceram os mesmos. Este “Não temais!” deve ser, portanto, incutido àqueles que têm medo no mundo.

Aplicação

Num texto tão rico como este a prédica fará bem em concentrar-se, na maneira de uma homilia, em torno dos dois pontos centrais que dão ao texto, em Mateus, a sua configuração característica. Estes pontos, como vimos, são:

1. O desejo piedoso de Pedro por uma vida religiosamente elevada e sem sofrimento (cf. v. 4).

2. A intervenção da palavra de Deus (“Este é o meu Filho amado...; a Ele ouvi!”), que os discípulos experimentam como juízo (caíram de bruços) e como salvação (“não temais!” v. 5-7).

Isto nos leva naturalmente a dividir a prédica em duas partes principais. As outras reflexões nós disporemos e desenvolveremos logo na forma de um esboço de prédica.

Esboço da prédica

Existem no mundo formas de sofrimento às quais prefereríamos fechar os olhos: O hospital das crianças cancerosas. Os horrores cada vez mais terríveis da guerra. As conseqüências da miséria social. Voltamos instintivamente as costas para esses fatos, prevenindo, talvez, neste sofrimento a eventualidade de um próprio destino cheio de sofrimento. Assim também Pedro gostaria de preservar o Senhor do sofrimento, para que ele mesmo não tenha que sofrer com Ele (“Isto de modo algum te acontecerá”).

I. Este singular prelúdio da glória de Jesus, do qual o evangelho nos relata, aparentemente oferece a oportunidade para tal. Pedro gostaria de reter esta hora em que o futuro do Filho de Deus irrompe no presente. “Senhor, bom é estarmos aqui; se queres, farei aqui três tendas, uma será tua, outra para Moisés, outra para Elias.” Ele gostaria, dessa maneira, de conservar para sempre o Senhor junto de si, ele gostaria de contornar a cruz.

1. Isto nos faz ver até que ponto a disponibilidade de servir, mesmo das melhores pessoas, pode ocultar fervor falso e motivos falsos. Cada um que assume um serviço na comunidade ou na Igreja, está correndo o perigo de fazer este serviço não por amor a Deus ou ao próximo, mas por amor a si mesmo, movido por seu próprio interesse ou honra.

2. Além disso, vemos como se subtrai aqui o fundamento de um egoísmo religioso. Pois o desejo de Pedro, aparentemente tão piedoso, não é concretizado. Nós compreendemos o motivo disto:

- a) Não acolhemos corretamente a oferta da salvação, se desejarmos ter esta salvação única e exclusivamente para nós. A palavra e a obra de Jesus não são o privilégio de uns poucos cristãos de elite ou dos especialmente piedosos, mas elas querem beneficiar a todos.
- b) A presença do Senhor não permite que coloquemos o nosso Eu em primeiro plano. Isto não acontece sempre de novo na comunidade?

3. Finalmente, torna-se evidente que para o cristão não pode existir a piedosa retirada do mundo. Não pode existir fé sem responsabilidade pelo mundo. Também este pedido de Pedro, de permanecer com Jesus naquele lugar distante do mundo, é inútil. Jesus, que se dirige para o sofrimento, não nos conduz para a sombra e para a água fresca, não nos conduz para um refúgio religioso, mas sim para dentro da dura realidade deste mundo: “Eis que eu vos envio como ovelhas para o meio de lobos” (Mt 10, 16).

II. Permita que permaneçamos junto de ti, que admiremos a tua glória e que te sirvamos! — assim poderíamos resumir o piedoso desejo de Pedro. Será que este desejo não compreende também a meta última de cada um de nós? Contudo, reconhecemos aqui quanto desejo mal orientado está oculto neste pedido. Efetivamente, nada nos pode corrigir em nosso falso ser senão o atentar para a Palavra de Deus.

1. Por isso também a voz de Deus intervém das nuvens nestes desejos quiméricos, e nestes sonhos de glória dos discípulos: “Este é o meu Filho amado, em que me comprazo; a Ele ouvi!”. Como já havia ocorrido no batismo de Jesus, o Pai confessa com estas palavras Jesus como seu Filho, e esta confissão quer expressar o seguinte: Este Jesus é o Messias prometido no Antigo Testamento, cuja vinda significa salvação e vida para todos aqueles que o reconhecem como seu Salvador. Aquele que foi anunciado pelos profetas da velha aliança, este agora está aqui. E para testemunhar isto, foram-lhe colocados ao lado Moisés e Elias.

2. Deus, contudo, diz aqui uma outra palavra que Ele, quando do batismo no Jordão, não havia dito: A Ele ouvi! Com esta palavra vai-se o sonho de um áureo porvir, despido de sofrimento e morte. Pois o que Jesus havia dito a seus discípulos? O que eles devem ouvir? “É necessário que o Filho do Homem sofra muitas coisas e seja rejeitado pelos anciãos, pelos principais sacerdotes e pelos escribas, que seja morto e depois de três dias ressuscite”. A este, portanto, ouvi, a este que está prestes a entrar na paixão! Condenam-se, assim, o caminho cômodo, as evasivas piedosas e as soluções oportunistas que constantemente ameaçaram e ainda hoje ameaçam a igreja.

3. Estas palavras fazem com que os discípulos caiam de bruços, tomados de grande medo. Seremos nós capazes de tal reconhecimento e de tal reação? Mas Jesus reergueu os que estavam pros-

trados com o seu chamado: "Não temais!". Estas palavras se dirigem principalmente para esses que falharam nos seus programas de segurança e que agora se encaminham para um futuro humanamente inseguro, onde nada vale senão a palavra de Jesus.

Onde a palavra de Deus nos liberta de uma piedade ilusória, unicamente orientada para o próprio bem-estar e preocupada unicamente conosco mesmos, ali nós vemos "somente a Jesus" e compreendemos o que é de difícil compreensão: que a glória de Deus está sobre todos os nossos sofrimentos, assim como estava também sobre a paixão de seu Filho.